

#cm  
2

QUINTA-FEIRA



Festival do Rio: 'O Agente Secreto' lota na pré-estreia

PÁGINA 2



Mihay encerra turnê com apresentação no Audio Rebel

PÁGINA 6



Juliano Cazarré e o mundo dos coachs em 'Compliance'

PÁGINA 7



Divulgação

# Pólvora

## de Israel

Nadav Lapid chega ao Brasil e traz na mala 'Yes', um ímã de polêmicas ao narrar as crises de seu país com o Oriente Médio

Por **RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Se o Festival do Rio desse um troféu Redentor de filme mais polêmico do ano, o vencedor, nesta 27ª edição do evento, seria "Yes", dada a pressão internacional contra os atos do governo de Israel na guerra contra o povo da Palestina. Nascido em Tel Aviv, há 50 anos, Nadav Lapid, diretor da dramédia política que o Odeon exhibe nesta quinta-feira (9),

às 19h30, tem estraçalhado seu país nas telas a cada novo cult que emplaca nas telas desde "Sinônimos", que lhe rendeu o Urso de Ouro na Berlinale de 2019. Ele vai estar na projeção que há de mobilizar protestos diante da sala mais tradicional da cidade, embora a simpatia dele por seus governantes seja das mais rarefeitas.

"Minha relação com a minha pátria é similar a daqueles cães que mordem a mão que os alimenta", disse Lapid ao Correio da Manhã.

Sua trama segue os passos de Y. e Yasmin, respectivamente um pianista e uma dançarina, que sobrevivem como anima-

dores de festas para a elite. Eles aceitam trabalhos degradantes, dizendo sempre "sim" para sobreviver financeiramente, mesmo quando discordam da visão política dos contratantes. O enredo se complica quando Y. é encarregado de compor a melodia do novo hino nacional, cujas letras prevêm a devastação de Gaza. A poesia por trás da melodia inflama ânimos por onde o longa é exibido.

Há mais duas projeções de "Yes" agendadas para o Festival do Rio: sábado, às 19h30, no Cinesystem Belas Artes 6, e domingo, às 18h15, no Reserva Cultural Niterói.

# O agente que parou o Odeon



Depois da consagração no exterior, o novo longa de KMF é exibido no Festival do Rio em sessão esgotada que reuniu integrantes do elenco

Michelle Castilho/Festival do Rio



Caetano Veloso e Paula Lavigne com Wagner Moura e Emilie Lesclaux na pré-estreia de 'O Agente Secreto'

Por Pedro Sobreiro

**A**pós rodar os principais festivais do mundo, conquistando prêmios por onde passou, “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, desembarcou no Brasil para uma campanha de lançamento fora dos padrões. Em vez de focar no eixo Sul-Sudeste, o longa iniciou sua trajetória em terras brasileiras pelo Nordeste e Centro-Oeste, promovendo uma reparação histórica, já que essas regiões costumam ser as últimas nas turnês de lançamentos, apesar de serem polos cinematográficos poderosíssimos. E como o filme é dirigido por um recifense, estrelado por um soteropolitano e fala sobre Recife na década de 1970, nada mais justo

do que lançar o longa em casa.

Após promover um carnaval fora de época em Cannes Paris e rodar o Nordeste numa turnê de ingressos esgotados, o novo sucesso brasileiro desembarcou no Festival do Rio com três sessões disputadíssimas e lotação total. As primeiras foram nesta terça e quarta-feira (7 e 8), com cabine de imprensa e a pré-estreia com presença do elenco no Odeon e sessão em Botafogo. Todas com ingressos esgotados.

E nem mesmo a chuva que tomou a Cinelândia na terça foi capaz de afastar os fãs, que fizeram fila na frente do Odeon na esperança de conseguirem ingressos de última hora.

A grande estrela do noite foi Wagner Moura, que chegou na surdina e protagonizou momentos curiosos, como quando interrom-

peu as entrevistas para falar com Caetano Veloso, que apareceu de surpresa. Ao Correio da Manhã, Moura disse que o filme tem um fator de identificação que sobrepõe nacionalidades. “Para além da cultura pernambucana, nordestina, brasileira do filme, que é muito forte, as pessoas se identificam com os personagens, com a humanidade deles. E isso não muda de país para país. Todo mundo, em qualquer lugar do mundo, sabe como é se sentir injustiçado, sabe o que é lutar por seus valores, sabe o que é viver sob opressão. As pessoas têm se identificado muito, e esse valor cultural nosso traz uma força estética muito grande”, disse.

E falou da importância de levar “O Agente Secreto” para o mundo. “O cinema brasileiro, a cultura brasileira, tem importân-

cia para o Brasil. Hoje, a gente tem um governo que entende isso, o que é muito bom. Quando a gente está viajando o mundo, a gente está mostrando o Brasil, um olhar sobre o Brasil. Mais do que isso, é importante quando nós, brasileiros, nos vemos na nossa produção cultural”.

O ator também contou o que o convenceu a estrelar esse longa.

“Ele [Kleber Mendonça Filho] trabalha muito com memória nos filmes dele. Nesse filme aqui sobretudo. Mas o que me cativou mesmo foi trabalhar com ele. Na totalidade do artista, da pessoa que ele é”, concluiu Wagner Moura.

Por conta da rotina insana de divulgação do filme, Kleber Mendonça Filho não pôde comparecer ao tapete vermelho. Segundo Emilie Lesclaux, produtora e esposa de

KMF, ele estava na Alemanha para promover “O Agente Secreto”. Ela também comentou sobre o impacto do resgate da memória no longa. “A memória é um tema muito presente nos filmes do Kleber. Vindo de ‘Retratos Fantasmas’, são dois filmes que resgatam memórias e fazem viagens no tempo pela história do Brasil. E com Kleber sendo filho de historiadores, é algo muito importante para ele”, disse.

Quem também falou sobre o impacto do filme foi a atriz Alice Carvalho, que interpreta Fátima, uma das protagonistas do filme. “O mais importante disso tudo é a forma como o povo brasileiro tem olhado para o nosso cinema. É muito interessante e me faz ter esperança em continuar sendo atriz, porque depois desse filme, eu e meus amigos temos que continuar trabalhando, e a gente depende bastante dessa repercussão, dessa mudança de autoestima do povo brasileiro em relação a seu próprio cinema. E acho que a gente tem uma chance muito grande de fazer um barulho bacana internacionalmente”, explicou Alice.

E Gabriel Leone, que interpretou recentemente o ídolo brasileiro Ayrton Senna, na série da Netflix, e foi dirigido por Michael Mann, em “Ferrari”, explicou como foi trabalhar no grande filme brasileiro do ano. “Estou muito feliz. É uma construção de carreira de muitos anos, e estar envolvido em projetos incríveis, com personagens incríveis, é aquilo pelo que batalhei muito. No caso do Kleber [Mendonça Filho], é um dos diretores que mais admiro e sonhava em trabalhar com ele. O processo de filmagem foi delicioso, e tenho um orgulho danado desse filmaço. Não à toa ele está tendo essa repercussão mundo à fora”, disse. “É um filme que fala sobre um dos períodos mais abomináveis da nossa história, que foi a ditadura; é um filme que fala sobre memória. E é sempre importante que as pessoas vejam nas primeiras semanas para que possa ter ainda mais sessões e possa trilhar uma bela jornada”, concluiu.

“O Agente Secreto” chega ao circuito comercial brasileiro em 6 de novembro.



Netflix

Prometido pela Netflix para o fim do mês, a saga do jogador Lorde Doyle (Colin Farrell), dirigida pelo britânico Edward Berger (abaixo), tem sessão em tela grande no Festival do Rio nesta quinta-feira em Niterói

# Canastra suja

Sensação de San Sebastián, o thriller 'Balada de um Jogador', com Colin Farrell, marca a volta do realizador de 'Conclave', Edward Berger, às telas cariocas

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**m outubro do ano passado, quando a morte do Papa Francisco sequer era uma hipótese, Edward Berger fechou a programação do Festival do Rio com um thriller sobre eleição papal, "Conclave", que virou blockbuster (US\$ 127,6 milhões) e ganhou o Oscar. Dois anos antes, seu lar no Brasil foi a Mostra de São Paulo, onde projetou "Nada de Novo no Front" em telonas paulistas antes de seu épico sobre a I Guerra estreiar na Netflix.

Em 2025, a maratona cinéfila carioca terá o realizador suíço de regresso à sua programação com um convite ao Oscar para Colin Farrell: "Balada de um Jogador".

Tem sessão dele nesta quinta (9), às 18h45, no Reserva Cultural Niterói 2, no domingo (12), às 21h45, no Estação NET Gávea 5, em meio ao apagar das luzes da programação. A produção veio cacifada pelos festivais de Toronto (TIFF) e de San Sebastián, onde concorreu à Concha de Ouro apoiado na exuberância de seus enquadramentos da jogatina em Macau.



Divulgação

foi um dos meus vícios. Já destruí a minha cabeça e o meu corpo, mas não a minha conta bancária", disse Farrell à imprensa em San Sebastián, assumindo seu histórico com o álcool.

Idealizado para a Netflix, onde estreia em 29 de outubro, "Ballad of a Small Player" (título original) é a adaptação de um livro homônimo de Lawrence Osborne na qual Farrel está a cara do mítico David Niven (1910-1983), que viveu uma versão fã de James Bond em "Cassino Royale", em 1967 (não confundir com o longa de mesmo nome com Daniel Craig, de 2006).

"A semelhança vem do bigodinho", brincou Berger em entrevista ao Correio da Manhã em San Sebastián, onde o longa teve uma acolhida calorosa da crítica. "Fico feliz de ouvir que 'Balada de um Jogador' é eletrizante, pois Macau é assim... elétrico. Talvez seja o território mais barulhento e o mais colorido deste mundo, e toda essa atmosfera foi levada para o filme, na certeza de que não estávamos diante de uma cidade fácil de ser enquadrada. Existem locais da Ásia como a Tailândia e Singapura onde também existem casinos, mas nada como Macau. Por isso, fui buscar referências visuais do cinema de diretores como Johnny To e Wong Kar Wai para criar a narrativa", afir-

O Colin Farrell que aparece nessa produção vem de uma bateria de interpretações recentes de prestígio, a começar da conquista do troféu Copa Volpi com "Banshees of Inisherin" no Festival de Veneza de 2022. Sua popularidade cresceu ainda no streaming com as séries "Pinguim", da HBO Max, que lhe deu o Globo de Ouro, e "Sugar", da Apple, na qual foi dirigida pelo paulista Fernando Meirelles.

"Atuar é multiplicar as nossas experiências pessoais pela imaginação. Conversei com jogadores de Macau para construir a minha personagem, até porque o jogo nunca

mou o cineasta ao Correio.

Sobre a escolha de Farrell, Berger é irônico ao espetar a fleuma do Velho Mundo: "Era curioso ver um irlandês a interpretar um aristocrata britânico".

A trama que promete fazer o público do Festival do Rio quicar nas poltronas acompanha Lorde Doyle, um aristocrata arruinado que se afoga em dívidas de jogo, levado pelos impulsos da ludopatia. A compulsão pelo jogo é a sua desgraça, mas o roteiro de Rowan Joffe não se limita a chorar mágoas: endividado até à espinha, Doyle deseja sair de cena de cabeça erguida. "Doyle é uma alma perdida, com uma bússola moral que já não existe, sob a pressão de um vazio na sua existência", disse Farrell em San Sebastián.

Com credores no seu encaço, Doyle refugia-se em Macau, passando dias e noites nos casinos, a beber vodka e a jogar os trocos que lhe restam. Uma ajuda inesperada surge de Dao Ming (Fala Chen), funcionária da casa de jogo que mais frequenta, reacendendo instintos adormecidos. Mas cada passo seu é seguido por Cynthia Blithe, investigadora privada (interpretada por uma Tilda Swinton mais contida, mas afetuosa), determinada a cobrar-lhe as dívidas. Apesar da ciranda de perigos, magnificamente amplificada pela direção de fotografia exuberante de James Friend, Doyle não abdica do verbo "tentar".

"Quis dar às plateias uma dimensão propositiva de esperança", disse Berger.

O Festival do Rio termina neste domingo, com a entrega de prêmios da Première Brasil, que confere hoje "Ato Noturno", de Filipe Matzembacher e Marcio Reolon, um thriller queer de CEP gaúcho, que fez barulho na Berlinale, em fevereiro. O concorrente ao troféu Redentor de Melhor Documentário a ser projetado esta noite é "Honestino", de Aurélio Michiles, sobre o movimento estudantil na ditadura militar. Até o momento, entre os concorrentes já exibidos, "Cyclone", de Flavia Castro, é o que tem a torcida mais forte, ao lado de "A Vida de Cada Um", de Murilo Salles.

Divulgação



Dira Paes e Stepan Nercessian revivem os programas da era de ouro do rádio em 'Ary'

# Ary, meu Ary brasileiro

Documentário de André Weller combina imagens raras e dramatizações para recontar a trajetória do compositor de 'Aquarela do Brasil'

Por Affonso Nunes

**A**ry Barroso já era um compositor consagrado em 1939 quando, numa tarde chuvosa em que se viu preso em casa, começou o experimentar acordes ao piano. A melodia e letra saíam prontas em cerca de dez minutos e o mineiro de Ubá acabava de criar 'Aquarela do Brasil', uma espécie de "Rhapsody in Blue", de George Gershwin (1898-1937), só que (muito) brasileira. Essa é uma das histórias trazidas à tela em "Ary", documentário de André Weller que fez sua estreia mundial em concorrida sessão no último domingo no Festival do Rio.

A genialidade criativa de Ary Barroso (1903-1964), um dos pilares fundamentais da música brasileira, e sua trajetória artística e pessoal é apresentada numa narrativa que mescla imagens de arquivo do músico, compositor e radialista com algumas dramatizações. Conduzido pela voz marcante de Lima Duarte, que empresta sua interpretação para dar vida aos próprios textos e entrevistas de Ary Barroso, o documentário é costurado por canções como "No Rancho Fundo" (parceria com Lamartine Babo), "Na Baixa do Sapateiro" e "Camisa Amarela" e outror marcos de brasilidade, além da própria "Aquarela do Brasil", que levaria Ary à fama em Hollywood e uma indicação



Divulgação

**Ary Barroso fez história na música brasileira e também no rádio ao apresentar o famoso programa de calouros que revelou Luiz Gonzaga**

ao Oscar graças à trilha sonora que compôs para "Alô, Amigos" (1942), dos Estúdios Disney.

Para muitos, "Aquarela do Brasil" não passa de um samba ufanista que serviu de propaganda à ditadura varguista no Estado Novo. Mas não é bem assim. Sua letra destaca a miscigenação racial como elemento central da identidade brasileira. Versos como "Ô, abre a cortina do passado, tira a mãe preta do cerra-

do, bota o rei congo no congado" convidam o país a reconhecer e assumir suas raízes africanas. Já o verso "terra de samba e pandeiro" levou o compositor a se explicar aos censores do temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o órgão de censura de Vargas.

A narrativa em primeira pessoa permite ao público acompanhar a jornada de Ary desde os primeiros anos em Minas Gerais até a consa-

gração no Rio de Janeiro, incluindo o período em que ganhou a vida como pianista no Cine Íris e no Teatro Carlos Gomes executando trilhas de acompanhamento para filmes do cinema mudo. Foi a maneira que encontrou para se manter depois que o dinheiro que ganhou da família para se cursar Direito na capital federal se esvaiu.

A pesquisa de arquivo realizada pela produção revela material inédito de valor enorme histórico, incluindo registros do Museu da Imagem e do Som, da Paramount e dos próprios arquivos Disney. Entre as descobertas mais significativas estão imagens dos encontros entre Ary e Walt Disney, além de registros únicos ao lado de Carmen Miranda, documentando momentos cruciais da expansão da música brasileira no cenário internacional. O filme também incorpora registros familiares íntimos, como cenas no sítio em Araras (RJ) e o casamento da filha Mariúza.

As reencenações, protagonizadas por um elenco que inclui Dira Paes, Stepan Nercessian, Leo Jaime e Alan Rocha, revisitam momentos como o famoso programa radiofônico Calouros em Desfile nos quais o compositor revelou talentos como Luiz Gonzaga e Elizeth Cardoso, mas gongou sem piedade - até com humor ácido - os candidatos menos talentos.

Além de descobridor de novos artistas, Ary foi um poderoso formador de opinião tanto no que se relacionava quanto ao próprio futebol - era torcedor fanático do Flamengo e até jogos de futebol chegou a narrar.

Cineasta com trajetória consolidada no documentário musical brasileiro, André Weller traz para "Ary" a experiência acumulada em obras premiadas como "No Tempo de Milton" e "Rubem Braga: Olho as Nuvens Vagabundas". A direção de fotografia de Lula Carvalho, profissional renomado por trabalhos em "Bingo: O Rei das Manhãs" e "Tropa de Elite", é um capítulo à parte.

"Ary" volta a ser exibido no Festival do Rio em sessões nesta quinta-feira (9), às 13h45, no Cinesystem Belas Artes 5, e sábado (11), às 16h, no Cine Santa Teresa.

Faroeste, gênero condenado à extinção pelo politicamente correto, ganha os holofotes da maratona cinéfila carioca com 'Cara ou Coroa?', que põe John C. Reilly a reviver Buffalo Bill



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

Quem não é não se esconde... cantava o funk "O Bonde do Rinceronete... ao evocar a figura de Buffalo Bill, ou melhor William Frederick Cody (1846–1917). Caçador, batedor de carteiras e condutor ferroviário, ele virou lenda no Oeste... e no imaginário de Hollywood... a partir de um espetáculo itinerante de cavalaria e de tiro, chamado Wild West Show, que comandou a partir de 1883. Essa história foi contada na telona pelo diretor Robert Altman (1925-2006), com Paul Newman (1925-2008), em "Oeste Sel-

# Era uma vez... no Estação NET Rio

Divulgação



Em 'Cara Ou Coroa?', John C. Reilly dá vida a lendário caubói Buffalo Bill, lenda do western

vagem", filme ganhador do Urso de Ouro na Berlinale de 1976.

O que ficou de fora daquela narrativa perfumada a pólvora reaparece no spaghetti meio à italiana, meio à americana "Cara ou Coroa?" ("Testa o Croce?"), de Alessio Rigo de Righi e Matteo Zoppis, responsável por transportar o Festival do Rio ao tempo das diligências. Tem sessão dele nesta quinta (9),

às 14h, no Estação NET Rio.

É raríssimo ver um banguê-banguê no cinema hoje em dia, quando só o streaming ainda dá bola para o filão, que é alvo do patrulhamento da correção política. O Festival de Cannes, em 2023, deu espaço para "Strange Way of Life", de Pedro Almodóvar (hoje na MUBI), que revisita o western sob a lente queer. Já "Cara ou Coroa?" opta por uma lin-

guagem moderna, com ecos do cinemão dos EUA e de longas B de Sergio Leone ("Por Um Punhado De Dólares") na Itália dos anos 1960. A trama se passa no início do século XX, quando o Buffalo Bill's Wild West Show chega à Itália para deslumbrar o povo europeu com o gatilho relâmpago de Cody, vivido por John C. Reilly. Após um rodeio mortal e um beijo roubado, Rosa e seu amante caubói Santino (interpretados por Nadia Terezskiewicz e Alessandro Borghi) fogem pela selva italiana, perseguidos por Buffalo Bill. A história que surge ali não entrou nas HQs do Tex, nem nos bolsilivros "Estefânia" (uns livrinhos de papel jornal com tramas de faroeste), tampouco em "No Tempo das Diligências" (1939), de John Ford.

"O filme foi inspirado em uma lendária competição de dominação de cavalos entre italianos e caubóis americanos. É um anti-western que começa com tropos clássicos e se transforma em um conto mágico onde mito, ficção e realidade se entrelaçam", explicaram os diretores Alessio Rigo de Righi e Matteo Zoppis em nota à imprensa.

Poucos mostras do planeta saberiam acolher um faroeste como a maratona carioca sabe, por sua aposta na pluralidade de filões. Curiosamente, na quarta, a Espanha inaugurou uma nova edição de um evento exclusivo para faroestes: o Almería Western Film Festival.

## AS BOAS DO DIA - QUINTA-FEIRA (9/10)

POR RODRIGO FONSECA



**Não Mais Sozinha**

**MARLEE MATLIN: NÃO MAIS SOZINHA** ("Marlee Matlin: Not Alone Anymore"), de Shoshannah Stern (EUA): Radiografia de uma estrela que redefiniu o escopo profissional de PCDs no cinema americano. Em 1987, com apenas 21 anos, Marlee tornou-se a primeira atriz diagnosticada com surdez a ganhar um Oscar. Venceu por sua atuação em "Filhos do Silêncio", de Randa Haines. Catapultada para o centro das atenções, ela aproveitou o momento para desafiar uma indústria despreparada para lidar com diferenças. Onde: Kinoplex São Luiz 2, 16h30.



**Anos 90: A Explosão do Pagode**

**ANOS 90: A EXPLOSÃO DO PAGODE**, de Emílio Domingos e Rafael Boucinha: Brincadeira de criança, o jogo da "salada mista" explodiu na rádio ao mesmo tempo em que as casas de show do Rio de Janeiro queriam "dar uma chicotada na barata". Este documentário revive a década de ouro do gênero musical que marcou uma geração com imagens de arquivo e depoimentos de artistas e personalidades, o filme explora as raízes desse fenômeno, seu meteórico sucesso e o legado que ainda ecoa na música atual. Onde: Estação NET Botafogo 1, às 18h30.



**Minha Amiga Eva**

**MINHA AMIGA EVA** ("Mi Amiga Eva"), Cesc Gay (Espanha): Aulão de perseverança dada pelo comediógrafo por trás de sucessos como "Trumán" (2015). Nora Navas atua com fôlego titânico no papel de Eva, que, prestes a completar 50 anos, cansou da rotina. E casada há duas décadas e tem dois filhos adolescentes. Durante uma viagem de negócios a Roma, percebe que quer se apaixonar novamente antes que seja "tarde demais". De volta a Barcelona, começa uma nova vida, solteira e aberta ao jogo da sedução e do romance. Onde: Kinoplex São Luiz 4, 21h15.

Mihay combina lado autoral e grandes canções da MPB em show no Audio Rebel

Por Affonso Nunes

**N**em todo apreciador da canção brasileira conhece Mihay, o que deve ser reparado o quanto antes. Uma boa oportunidade é assisti-lo nesta quinta-feira, às 20h, no Audio Rebel. O cantor e compositor Mihay encerra a turnê de “Contramaré (Acústico)” após apresentações em Salvador, Aracaju e Belo Horizonte. O show sintetiza sua trajetória musical e apresenta composições de seu quarto álbum, produzido por Marcus Preto.

O projeto nasce das memórias afetivas do músico e sua relação visceral com o oceano, construída entre a infância na casa da avó na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, e o Rio, sua cidade natal. Essa geografia emocional permeia todo o repertório, que gira em torno de sua produção autoral e clássicos da MPB que têm o mar como mote.

Mihay, que já colaborou com nomes como João Donato, Roberto Menescal e Chico César, navega por canções consagra-



das como “O Vento”, de Dorival Caymmi, “Veleiro Azul”, de Luiz Melodia, e “Movimento dos Barcos”, de Jards Macalé. O show inclui ainda as parcerias com João Donato “Noite Clara”, “Vai Vem” e “João e Mariá”.

Abrindo a noite, o duo No Tengo Her-

mano, formado pelos paulistas El Mouro e Gustavo Mustafé, radicados em Aracaju, apresenta repertório autoral com influências de Luiz Melodia, Manu Chao e Gipsy Kings em formato de duas vozes e dois violões.

#### SERVIÇO

MIHAY

Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55, Botafogo)

9/10, às 20h

Ingressos: R\$ 30 (antecipado) e R\$ 40

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Bossa n' jazz

A cantora goiana Julia Borges apresenta “Hollywood Jazz Club” nesta quinta-feira (9), às 20h, no Palácio da Música. O espetáculo reinterpreta trilhas de filmes clássicos em arranjos de jazz e bossa nova. Com carreira iniciada na França e passagens por produções como “Cazuza - O Musical”, Julia propõe uma noite que combina cinema e jazz. A artista, formada em violão clássico, já se destacou no Rio com tributos a Elis Regina e Ella Fitzgerald.

Divulgação



### Quando o jazz é pop

A cantora e compositora Julia Landen se apresenta quinta-feira (9), às 22h30, no Blue Note Rio. O show traz releituras jazzísticas de sucessos do pop, rock, reggae e MPB, incluindo músicas de Amy Winehouse, Tim Maia, Michael Jackson e Caetano Veloso. Acompanhada por músicos de destaque da cena carioca, Julia também mostra seu lado autoral ao executar composições próprias. O repertório propõe uma nova perspectiva sobre hits nacionais e internacionais através da linguagem do jazz, oferecendo ao público uma experiência musical diferenciada.

Divulgação



Divulgação



### Uma ode ao Rio

A cantora italiana Mafalda Minnozzi apresenta o espetáculo “Riofonic” nesta quinta (9), às 20h, no Blue Note Rio. O espetáculo é uma homenagem ao Rio de Janeiro e à música brasileira. Com 40 anos de carreira, 25 CDs e milhares de shows em três continentes, Mafalda interpreta clássicos de Jobim, Bonfá e Menescal ao lado de compositores internacionais. O show conta sua história de amor com a MPB e celebra a influência da Cidade Maravilhosa em sua trajetória artística. A apresentação integra o lançamento de seu novo álbum.

# Conectado na 'live' do (des)controle

Cronista das incongruências da vida, Fernando Ceylão une seu humor a Juliano Cazarré para devassar as estratégias de (in)segurança do mundo corporativo em 'Compliance'

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

Quem age com truculência nas relações profissionais terá calafrios diante do título da peça que o multiartista Fernando Ceylão estreia neste fim de semana, no Teatro I Love Prio, no Jockey Club, com uma força da natureza chamada Juliano Cazarré no papel principal: "Compliance". O termo é motivo de bênção para muita gente. Louva-o sobretudo quem se sente oprimido por padrões de paciência rarefeita ou por colegas de modos não civilizados. Há, entretanto, um abismo semiótico de controle por trás desse signo que se tornou uma boia nos novos tempos.

"Do início ao fim da peça, é a opressão corporativa que conduz o personagem do Juliano, Fabrício. Ele está sempre motivado por ela, primeiro na busca desesperada por um



Pamela Miranda/Divulgação

*Duas grifes de excelência nas telas, Juliano Cazarré e Fernando Ceylão se unem em 'Compliance', uma ácida crítica ao universo dos coachs e influenciadores digitais*

emprego; depois na ânsia de atender às expectativas do chefe ou na competição com outros funcionários", explica Ceylão, um dramaturgo, roteirista de TV, encenador, ator, músico e, agora, cineasta, com dois longas ("Cartas Para Deus" e "Resta Um") filmados, no forno. "A peça é conduzida por uma live. O papo do personagem com sua audiência de internet é o fio condutor narrativo. Ele busca ser um desses coachs oportunistas que, cá pra nós, tentam ganhar dinheiro ensinando o público a fazer o que eles nunca conseguiram".

Dez anos atrás, Cazarré entregou às artes deste país um desempenho devastador à frente de "Boi Neon", longa-metragem que foi laureado com o Prêmio do Júri da mostra Horizonte de Veneza e com o troféu Redentor de Melhor Filme de 2025. Espera-se uma atuação nesse naipe (a se julgar por tudo o que ele vem entregando nas telas) de seu trabalho em "Compliance", que faz sua estreia

nesta sexta-feira (10) no palco do Teatro I Love Prio.

Fabrício é um executivo de terno e colete bem ajustado. Tem o sorriso treinado e chega munido de frases prontas. Sua atitude é quase violenta, amenizada por um sorriso ora carismático ora doentio. Cheio de falas motivacionais, ele tem atraído milhares de seguidores e todos os dias entra ao vivo no Instagram para motivar a audiência com lemas como: "Executa e vai. Mente milionária!". É um amálgama de autoajuda, empreendedorismo e promessas de ascensão pessoal. A live que se vê na narrativa da peça segue um tom diferente das que ele se habituou a fazer. Hoje, Fabrício está fora de si.

"A grande força do trabalho do Ceylão está no equilíbrio entre arte genuína e universo pop. Ele consegue fazer teatro de verdade, mas que se comunica com o público", diz Cazarré. "Durante muito tempo, o teatro pareceu se afastar dessa ideia

de contar histórias. Entrou num período de introspecção, de pesquisa de linguagem — o que é importante —, mas, por vezes, esquece-se de dialogar com as pessoas. O Ceylão faz o contrário: ele conta uma história de modo divertido, acessível, mas sem abrir mão da profundidade".

Demasiadamente humano como é padrão dos personagens Ceylão, numa fauna consagrada nos textos teatrais "Como é Cruel Viver Assim" e "Meu nome é Reginaldson", o Fabrício de "Compliance" revela, em cena, a tragédia que virou sua vida do avesso. Conta como, após seis meses desempregado, foi contratado por uma empresa onde, de forma estranha, seu chefe, Bruno Batista, parecia tê-lo como protegido. O preferido. Era o único tratado com deferência num ambiente hostil. Ganhava confiança, tapinhas nas costas, privilégios. Mas as coisas começaram a ficar estranhas. Bruno ligava no meio da madrugada para

desabafar, obrigava Fabrício e sua família — Laura e dois filhos — a viajarem com ele. Tratava-o como um assistente pessoal sem horários livres. Do nada, tudo virou. O mesmo chefe passou a persegui-lo: minava sua imagem, fazia piadas públicas, arranhava sua dignidade com requinte. O bullying era silencioso, mas devastador. Na festa de uma amiga dos tempos de escola, Fabrício, finalmente, conecta os pontos: Bruno Batista também foi se colega na mesma escola. Fabrício, porém, não se lembrava dele. Tampouco se lembrava de ter caçoado dele em seus tempos de colégio, quando na altura, o sujeito era conhecido como Bruno Batata.

"Essa tentativa de fazer das redes sociais um eterno currículo também é motivada, de certa forma, pelo mundo corporativo, mas a peça não fala só sobre esse universo", explica Ceylão. "A trama trafega muito por aí, mas os temas caminham por outras áreas universais e mais humanas, digamos, como vingança, ódio, bullying; como uma pessoa, sem querer, poder destruir a vida de outra... Mesmo quando falamos de corporações, no fim das contas, sobretudo, no teatro, estamos falando dos lados virtuosos e sombrios do ser humano".

De alguma maneira, "Compliance" é um espetáculo político... não na natureza crítica essencial do teatro, mas numa abordagem mais explícita de crônica da realidade empresarial. "Eu não pensei politicamente enquanto escrevia. Eu nunca penso, aliás", diz Ceylão, que assina o texto, a direção, a cenografia e a trilha sonora do espetáculo. "Eu parto sempre de uma história que quero contar e só depois eu vou entender quais são os temas por trás dela. Acho que quando você coloca a temática ou visão política a frente da trama, é melhor, então, partir pra fazer camisetas ou panfletos e não dramaturgia".

## SERVIÇO

### COMPLIANCE

Teatro I Love Prio, (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110B - Leblon)  
Até 2/11, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)  
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



# Arte da sucata ganha vida

Exposição de Deneir Martins reúne 40 anos de criação com materiais descartados no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

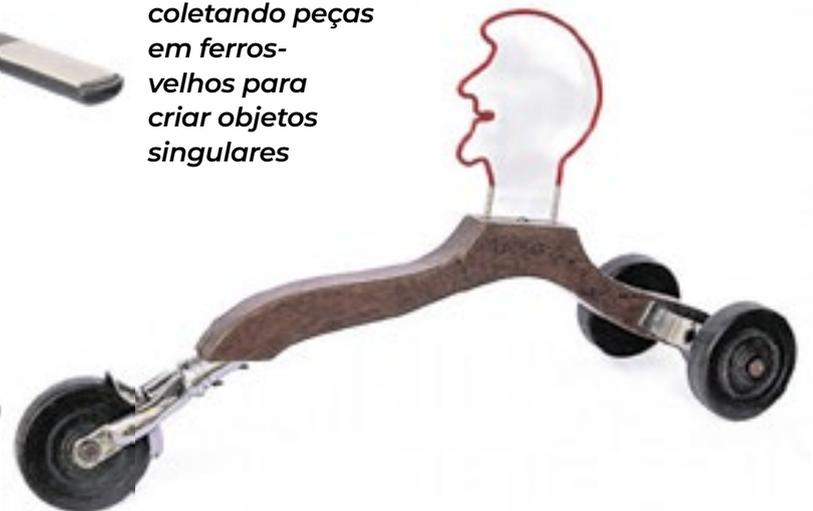
O artista Deneir Martins, de 71 anos, transforma lixo em arte há mais de três décadas. Nascido em Campos dos Goytacazes mas criado em Piabetá, distrito de Magé na Baixada Fluminense, ele desenvolveu uma linguagem artística única que dialoga com questões ambientais através da reutilização criativa de materiais descartados. Sua trajetória ganha destaque na exposição “O universo lúdico e

inventivo de Deneir Martins”, que o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular abre neste sábado (11), às 14h, no Museu de Folclore Edison Carneiro, no Catete.

A mostra integra o programa Sala do Artista Popular, iniciativa que há mais de 40 anos promove a arte popular. “O artista de Magé trabalha com materiais descartados, e tem as bandeirinhas de São João como marca de muitas obras em seu vasto universo criativo”, ex-



*Deneir direcionou seu trabalho para a produção com sucata, coletando peças em ferros-velhos para criar objetos singulares*



plica Ana Carolina Nascimento, coordenadora do Setor de Pesquisa do CNFCP.

O ponto de virada na carreira de Deneir aconteceu durante a Rio-92, quando a conferência ambiental trouxe discussões sobre sustentabilidade. A partir daí, direcionou seu trabalho para a produção com sucata, coletando peças em ferros-velhos para criar objetos singulares. Além da atividade artística, atua como animador cultural no CIEP de Piabetá e integra o coletivo Imaginário Periférico.

Sua obra ganhou projeção internacional, com exposições no Brasil e exterior, incluindo residência artística no Japão em 2019. “Eu vou juntar essas duas culturas. A do bambu, de lá, com a do pau-de-

-chuva daqui, de origem indígena”, declarou sobre a instalação “Chovendo no Japão”.

“No mundo marcado pelo imediatismo, Deneir subverte significados para criar algo novo. São ideias inusitadas que resultam em brinquedos, quadros, objetos interativos”, destaca o antropólogo Túlio Lourenço Amaral.

## SERVIÇO

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179) Até 3/12, de terça a sexta (10h às 18h) e sábados e domingos (11h às 17h) Entrada franca